

Central de Atendimento à Mulher

LIGUE 180

No dia sete de agosto de 2006 foi sancionada a **Lei 11.340/06 – a Lei Maria da Penha** - que tipifica os crimes de violência contra a mulher e possibilita que os **agressores sejam presos** em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada, quando ameaçarem a integridade física da mulher. A Lei prevê ainda medidas de **proteção para a mulher** que corre risco de vida, como afastamento do agressor do domicílio e a proibição de sua aproximação física junto à mulher agredida e aos filhos(as).

Nossa missão é romper com o silêncio e nos organizarmos para combater toda e qualquer forma de violência praticada contra a mulher. De forma coletiva, buscamos construir uma nova sociedade, com igualdade de direitos e condições, visto que qualquer forma de violência impede a possibilidade de uma construção social mais humana e livre.

🕒 que precisamos fazer:

- ♀ Integrar **organizações sociais comunitárias**, para enfrentar coletivamente as formas de violência praticadas contra as mulheres e classe trabalhadora.
- ♀ Exigir **políticas públicas** que promovam a igualdade nas relações de gênero, nas relações entre as pessoas.
- ♀ Trabalhar em nosso cotidiano para desenvolvermos **práticas que visem novas relações**, numa cultura de igualdade, com respeito às diferenças e feminista.
- ♀ **Conhecer os direitos** legais. Violência contra a mulher é crime. Romper o silêncio sobre a violência.
- ♀ **Denunciar** todo o tipo de violência. Tomar posição frente às diferentes situações de violência e lutar contra a impunidade dos agressores.
- ♀ Em caso de violência, **registrar Boletim de Ocorrência (BO)** na Delegacia da Mulher, Delegacia de Polícia ou Posto da Mulher.
- ♀ Conhecer e divulgar a Lei nº 11.340, **Lei Maria da Penha**.

A Central de Atendimento à Mulher auxilia e orienta as mulheres vítimas de violência através do **número 180**. As ligações podem ser feitas gratuitamente de qualquer cidade do Brasil, durante as 24 horas do dia, inclusive nos feriados e finais de semana.

Em todos os estados brasileiros, diversos órgãos ligados ao atendimento às mulheres disponibilizam serviços de apoio e proteção, bem como, de orientação às mulheres vítimas da violência. Procure em seu município e divulgue o telefone e endereço de órgãos como:

- Delegacias e Postos de Atendimento Especializados da Mulher
- Conselhos Estaduais e Municipais de Direitos da Mulher
- Juizados e Varas Especializados em Violência Doméstica e contra a Mulher



Movimento de Mulheres Camponesas MMC Brasil

Secretaria Nacional

Fone/Fax: (54) 3312 9683
E-mail: secretaria@mmcbrasil.com.br
Passo Fundo - Rio Grande do Sul

Escritório Nacional

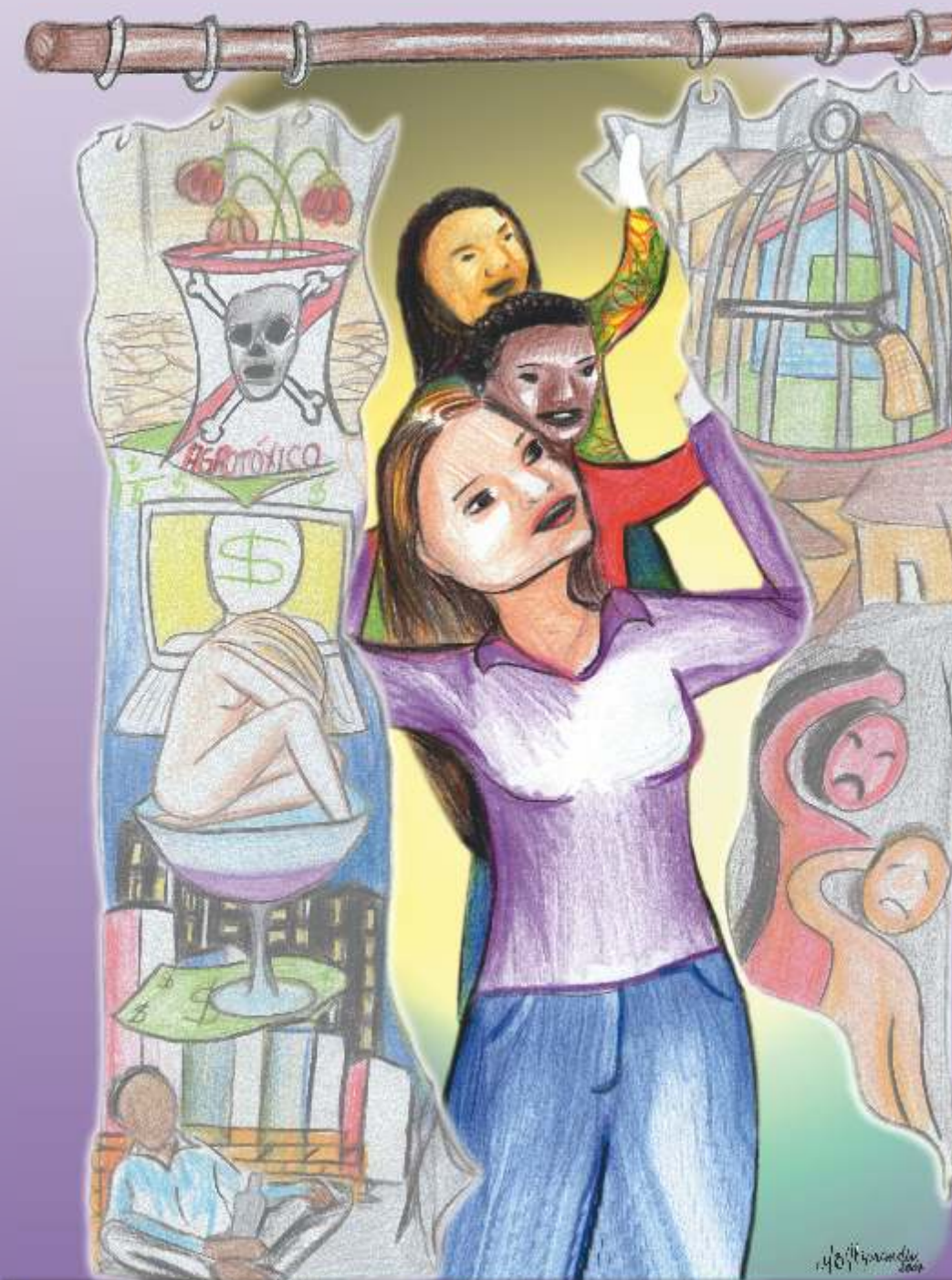
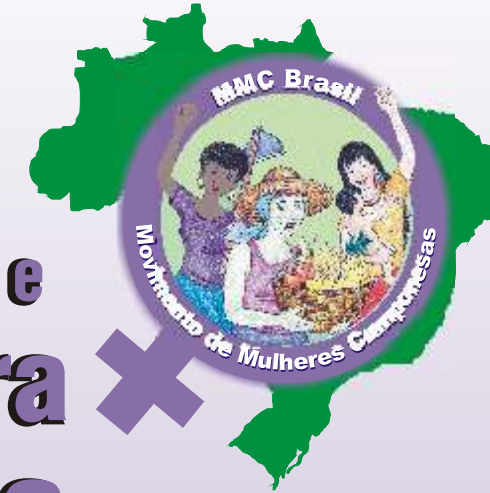
Fone/Fax: (61) 3322 6447
E-mail: escritorio@mmcbrasil.com.br
Brasília - Distrito Federal

Apoio:

Secretaria Especial de
Políticas para as Mulheres



Mulheres Camponesas rompendo o silêncio e lutando contra a violência



Movimento de Mulheres Camponesas

Vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, onde a vida das pessoas é muito desigual. Esta sociedade capitalista e patriarcal aprofunda e reproduz a violência sobre a classe trabalhadora e sobre as mulheres. São várias as formas e faces da violência reproduzidas: exploração de classe, gênero e raça; violência física, psicológica e moral praticada no cotidiano das pessoas, por homens e também pelas próprias mulheres.

A violência está tomando dimensões cada vez maiores e impressionantes, atingindo pessoas de todas as raças, etnias e classes sociais, manifestadas na família, no trabalho, nos espaços de lazer, na rua, no poder público, nas igrejas... A violência tem como alicerce a estrutura social em que vivemos.

Enfrentamos todos os dias a violência de um sistema que nos massacra e nos humilha pelo fato de sermos mulheres, mas também por sermos camponesas. Isso se evidencia nas políticas voltadas para o agronegócio, nas suas formas e expressões, nas monoculturas, no uso de agrotóxicos, na destruição da identidade e cultura camponesa, bem como, na tripla jornada de trabalho assumida pelas mulheres. A isso chamamos de violência de classe.

Também fica evidente no uso do corpo das mulheres para fins comerciais, padronizando aquilo que, principalmente as mulheres, consomem e vivem. Com isso, destacamos a padronização do corpo, comportamento, roupas, estilos, alimentação...

**As margens do rio que tudo arrasta
Diz-se que é violento,
Mas ninguém diz violentas
As margens que o comprimem**

(Bertold Brecht)

As mulheres oprimidas vão superando a violência na medida em que vão tomando consciência das situações a que estão submetidas e do direito de viver bem e feliz

A violência se manifesta de muitas formas, destruindo sonhos e a dignidade das pessoas. Desde a infância, através de uma educação sexista, são impostos jeitos de ser e viver típicos de meninos e meninas, onde as mulheres são educadas para a submissão em relação à dominação masculina.

Articulada à violência de classe vem a violência de gênero, expressa nos espaços públicos e privados. Esta estrutura faz do machismo um instrumento que legitima o poder e a dominação do homem sobre a mulher, e de mulheres sobre mulheres. A prática da violência contra a mulher é muito antiga. É o maior crime praticado no mundo, embora não seja punido como tal. Em nosso país, dados mostram que 63% das mulheres vivem em situação de violência e, destas, 75% acontecem no ambiente doméstico.

As conseqüências da violência para a nossa vida são graves e se manifestam na culpa, na vergonha, na agressão física e no medo de reagir e de se colocar como mulher capaz de transformar esta situação e construir um outro mundo. Por todas estas questões, repudiamos e denunciaremos todas as formas de violência praticadas contra as mulheres e a classe trabalhadora.

Acreditamos que é possível construir espaços onde a vida seja respeitada e reconhecida em sua essência, onde direitos sejam respeitados e vividos dignamente. Alimentamos e gestamos o sonho de uma nova sociedade, construída no cotidiano da vida das pessoas, por isso, como Movimento de Mulheres Camponesas, lutamos pela libertação das mulheres e da classe trabalhadora, fortalecendo todos os dias a luta em defesa da vida.

Nenhuma vida pode ser diminuída ou miserabilizada por sua nacionalidade, classe, etnia, sexo, religião ou orientação sexual.

Ivone Gebara

Desvelando as múltiplas faces da violência praticada sobre a mulher camponesa

Violência de gênero/sexista: está presente no cotidiano da mulher camponesa e é sofrida pelo simples fato de ser mulher. É praticada principalmente pelos homens e sustentada pela construção social que considera a mulher inferior ao homem. Ela não tem fronteira, acontecendo em todas as classes sociais, religiões, idades e espaços.

Violência pela sobrecarga do trabalho: manifesta-se através da sobrecarga do trabalho da mulher camponesa imposta pela lógica patriarcal que determina alguns papéis para homens e outros para as mulheres. A mulher camponesa exerce tripla jornada de trabalho. Pela cultura patriarcal é de responsabilidade da mulher o trabalho doméstico, na roça, o cuidado e educação dos filhos. Além de lhe ser negado o direito de decidir, este trabalho não é reconhecido.

Violência pela desvalorização e condição social: é expresso na dificuldade que a mulher tem de estudar, de adquirir seus documentos pessoais e profissionais, o não acesso à saúde e à informação, especialmente no que diz respeito a questões ligadas à sexualidade e a discriminação em relação à profissão de trabalhadora rural.

Violência pelo uso de agrotóxicos, física, cultural e identidade camponesa: a mulher camponesa convive com duas realidades de violência permanente como conseqüência do modelo agrícola capitalista neoliberal, que estão ligadas a mudança da cultura camponesa (produção diversificada de alimentos, sem venenos...) para a produção da

monocultura com o uso de agrotóxicos e fertilizantes e as conseqüências deste modelo imposto provocando doenças, poluição da água e alimentos, perda da biodiversidade, entre outros.

Violência física: são as agressões físicas que começam com tapas e puxões de cabelo e acabam em espancamento e muitas vezes em morte. A violência física acontece com maior incidência no espaço familiar. Cerca de 6,8 milhões de mulheres brasileiras já foram espancadas ao menos uma vez durante sua vida.

Violência moral e verbal: repetidas agressões verbais que acabam destruindo a auto-estima da mulher. A violência moral acontece quando a mulher é caluniada, injuriada ou difamada. É quando a mulher é chamada de "vagabunda", "prostituta", burra, que não sabe, incompetente, que não é capaz...

* Em uma pesquisa realizada no RS, de 170 mulheres pesquisadas, 45,8% sofreram agressão moral/verbal através de palavrões, deboche, acusações, calúnias, chamadas de burras, vagabundas, prostitutas...

Violência psicológica: manifesta-se pela imposição do medo. Embora seja mais sutil, está presente no dia-a-dia quando a mulher é criticada ou comparada com outras mulheres, em especial ao aspecto físico. Também, quando a mulher é ameaçada, humilhada, impedida de sair de casa, de cultivar amizades, entre outros.

Violência Sexual: quando a mulher é obrigada, através do uso da força ou ameaça, a manter relações sexuais contra a sua vontade. A violência sexual ocorre, em grande parte, dentro do espaço familiar e é praticada por homens nos quais as vítimas possuem grande afinidade e/ou confiança (pais, companheiros, irmãos, etc), revelando que as mulheres não têm o direito de decidir sobre seu corpo e o prazer.

Violência institucional e estrutural: é causada por desigualdades de gênero, étnico raciais, econômicas... que se formalizam e institucionalizam nas diferentes organizações privadas, estatais, como também, nos diferentes grupos que constituem a sociedade capitalista. Nela há três modelos para a dominação: o modelo da burguesia, que visa explorar a classe trabalhadora; o modelo dos homens, que consiste em subordinar as mulheres; e o modelo dos brancos, que busca manter sua superioridade sobre os negros e indígenas.

